

## ***SPUTNIK II E OUTRAS HISTÓRIAS CANINAS: QUANDO BRINCAR E DOCUMENTAR ANDAM JUNTOS***

*Por Julia Guimarães<sup>1</sup>*

Em seu primeiro trabalho cênico voltado para o público infantojuvenil, a joseense Cia. do Trailler se propõe, de saída, a dois instigantes desafios. De um lado, abordar um tema considerado “tabu” para todas as idades: a morte. De outro, investigar uma vertente da cena contemporânea ainda pouco explorada no diálogo com os pequenos: o teatro documentário. De quebra, o grupo ainda flerta com o gênero musical, além de trazer para o primeiro plano a biografia de três singulares cachorrinhas. Dessa mistura, surge o espetáculo *Sputnik II e Outras Histórias Caninas*, que se apresentou no 37º Festivale, no último domingo, no Cine Teatro Benedito Alves.

Com direção de Caren Ruaro, integrante da companhia, e de Marcelo Soler, pesquisador que é referência em teatro documentário no Brasil, a montagem costura as histórias caninas de Laika, Enola e Bilulaine. Enquanto as duas primeiras pertencem ao mundo real, a última é fruto da imaginação do grupo, que assina coletivamente a dramaturgia. Seja no âmbito da realidade ou da ficção, todas as histórias são atravessadas por afetos nem sempre vistos no teatro para crianças, como sofrimentos, perdas e adaptações.

A exploração da linguagem do documentário cênico ganha contornos específicos quando combinada ao teatro infantojuvenil. Na primeira cena da montagem, é a biografia da cachorrinha dos atores da Cia. do Trailler, Caren Ruaro e André Ravasco, que surge como mote. Adotada durante a pandemia no interior de Minas Gerais, a pequena Enola tem sua história relatada como uma narrativa de superação. Para conhecermos a cachorrinha, são projetadas fotos e vídeos do arquivo pessoal dos artistas, que mostram desde a chegada do animalzinho até sua

---

<sup>1</sup>. Crítica teatral, professora, pesquisadora e jornalista. É pós-doutora em Artes Cênicas pela UFMG e concluiu seu doutorado na USP, com pesquisa em teatro contemporâneo.

recuperação de uma grave doença. Um recurso interessante dessa cena é o áudio de Maria Alice, filha do casal de atores, que pede, em off, para contar, ela mesma, parte das aventuras da cachorrinha. Trata-se de um recurso fértil para estabelecer uma relação de identificação e empatia com a plateia infantojuvenil, assim como os relatos de Caren e André, que igualmente abordam a relação com a pet Enola em chave autobiográfica.

Já na cena seguinte, a forma documental permite um deslocamento na história para viajarmos até a gelada Moscou, no remoto ano de 1956. Com a ajuda não só de fotos, mas também de memes (impressos e ampliados em cartazes que os atores empunham em cena) e do uso do projetor (recurso clássico da estética documental), nos aproximamos da delicada história de Laika, uma cachorrinha de rua que foi o primeiro ser vivo enviado para o espaço, contada pelo ator Andrei Gonçalves.

Por situar-se uma atmosfera ao mesmo tempo lúdica – já que remete ao imaginário de astronautas e planetas – e cruel – devido ao ato de submeter um bichinho às condições arriscadas de estar a bordo de um foguete –, a cena chama atenção para o que me parece ser um dos principais desafios ao se trabalhar o documentário cênico com crianças e jovens. Trata-se do jogo de, simultaneamente, ter que lidar com uma realidade imediata e concreta sem, no entanto, perder a dimensão imaginativa tão importante para esse público. É o que ocorre, por exemplo, na cena em que a neve de Moscou é visualmente “fabricada” com o simples recurso de desenhar alguns riscos em um papel ampliado pelo projetor.

Além disso, a junção entre documentário e musical – em criação composta e executada em cena pelo músico Rafael Braga – também ajuda a trazer leveza, ares de brincadeira e a ressaltar o próprio caráter em alguma medida fantasioso que toda narrativa virtualmente possui. Afinal, como cantam os atores logo no prólogo, “Eu lembro, te conto, aumento um ponto”. Assim, embora o espetáculo tenha um importante cuidado em ser didático ao diferenciar realidade e ficção para a plateia, também brinca com o pressuposto de que nem sempre esses polos são assim tão distintos e estanques.

Ainda que as duas primeiras cenas já tragam o peso da doença e da dor, vividos pelas cachorrinhas documentadas em cada uma delas, a morte só aparece como um tema central na última história de *Sputnik*. Aqui, a vertente documentária

cede espaço à ficção para reconstruir as peripécias de Bilu, ou Bilulaine, uma cachorrinha antropóloga que estudava as cerimônias de despedidas em diferentes partes do mundo. Narrada pelo ator Luan Fonseca, a única história ficcional da peça me pareceu, a despeito do mote tão original, a menos envolvente da trama. Ao abordar as viagens da antropóloga canina por territórios distantes e variados, como Congo e Azerbaijão, a dramaturgia perde certa conexão com o público, em meio a tantas referências geográficas listadas em sequência.

A reconexão com a plateia se dá justamente quando o livro em “cachorrês”, escrito pela falecida Bilu, é lido pelos atores. Nessa passagem, a morte recebe tratamento poético justamente ao ser abordada via ritos de elaboração do luto existentes em diferentes culturas. Por exemplo, aqueles presentes em certos países da África, como Gana e Uganda, nos quais as pessoas se despedem dos entes queridos de forma alegre, com música e danças. Ao projetar sobre a cachorrinha inventada a profissão de “antropóloga”, o fio documental da dramaturgia não se perde na última cena, ressaltando, mais uma vez, a fértil hibridez entre o ato de brincar e o ato de documentar. Com isso, tangencia de modo sensível, mas sem subterfúgios e rodeios, o difícil tema da morte.

Cientes de que não deve haver cartilha, ou modo único e “correto”, para dialogar com espectadores mirins, a Cia. do Traller aposta na autonomia da percepção e capacidade reflexiva desse público. Ao aliar um tema repleto de recalques e uma linguagem atual e contemporânea, o grupo amplia nossas expectativas sobre o que pode ser o teatro infantojuvenil.